



KnoWhy #513

Maio 9, 2019



## Por que Mórmon e Morôni escreveram em egípcio reformado?

*"E agora, eis que escrevemos este registro de acordo com nosso conhecimento, em caracteres denominados por nós egípcio reformado".*

*Mórmon 9:32*

### O conhecimento

Quando seu pai, Mórmon, lhe confiou as placas, o profeta Morôni fez um breve comentário sobre os caracteres que ele e outros nefitas e profetas haviam usado ao escrever os registros. Ele disse: "E agora, eis que escrevemos este registro de acordo com nosso conhecimento, em caracteres denominados por nós egípcios reformados, sendo transmitidos e alterados por nós segundo nossa maneira de falar" (Mórmon 9:32, ênfase adicionada). Morôni continuou dizendo que "E se nossas placas tivessem sido suficientemente grandes, [os nefitas que mantinham os registros] teríamos escrito em hebraico; mas o hebraico também foi alterado por nós; e se tivéssemos escrito em hebraico, eis que nenhuma imperfeição encontraríeis em nosso registro". Isto foi acentuado pelo comentário de que "porque nenhum outro povo conhece nossa língua, ele [o Senhor] preparou, portanto, meios para

a sua interpretação", isto significa que se refere aos intérpretes nefitas que Morôni depositou com as placas (Mórmon 9:32–34; ver também Mosias 8:13,19; Alma 37:21; Éter 4:5).

Mil anos antes do tempo de Morôni, Néfi se referia aos egípcios, mas em um sentido diferente. No início de 1 Néfi, ele disse estar escrevendo seu registro na "língua de [seu] pai [Leí], que consiste no conhecimento dos judeus e na língua dos egípcios" (1 Néfi 1:2, ênfase adicionada). Seja qual for a escrita que Néfi utilizou cerca de 550 anos antes de Cristo, não deve ser confundida com o "egípcio reformado" mencionado por Morôni. Os "caracteres" chamados "egípcios reformados" por Morôni foram evidentemente usados para registrar o compêndio das chamadas "placas maiores" de Néfi (1 Néfi 9) e o registro Jaredita nas vinte e quatro placas de ouro, isto

é, os registros compilados por Mórmon e seu filho Morôni no Novo Mundo do século IV d.C., que incluem os livros de Leí, Mosias, Alma, Helamã, 3 Néfi, 4 Néfi, Mórmon, Éter e Morôni. (Também parece provável que Palavras de Mórmon tenha sido escrito nesses mesmos caracteres).

É importante notar que "Morôni disse explicitamente que o termo egípcio reformado se refere aos caracteres [usados para registrar o Livro de Mórmon] em vez da língua [falada pelos nefitas]". Além disso, Morôni parece ter indicado que o nome "egípcio reformado" estava sendo usado especificamente em sua coorte de historiadores nefitas. Em outras palavras, o egípcio reformado parece ter sido um termo técnico dos escribas usado para descrever especificamente o tipo de escrita usada para gravar as placas de Mórmon, não necessariamente o nome de uma língua amplamente falada ou uma escrita antiga.



Os nefitas, é claro, podem ter adotado grande parte ou parte de uma, ou mais línguas indígenas do Novo Mundo como a língua que falavam diariamente, não muito tempo após encontrarem uma paisagem cultural mais ampla da América antiga. De qualquer forma, o egípcio reformado usado por Mórmon e Morôni no

século IV d.C., pode ter sido comparável a vários escritos, literatura, liturgia ou linguagem religiosa que até hoje são estudados e usados em alguns contextos acadêmicos e tradicionais, mas não são usados ativamente na comunicação oral diária, como o antigo eslavo eclesiástico, o copta, o hebraico bíblico, o siríaco, o páli, o sânscrito, o avéstico e o latim.

Mas por que Mórmon e Morôni não escreveram usando caracteres hebraicos? Morôni explicou que "se nossas placas tivessem sido suficientemente grandes, teríamos escrito em hebraico". No entanto, seu hebraico "também [havia sido] alterado". Se pudesse ter escrito em hebraico de boa qualidade, Morôni estaria confiante de que os leitores modernos "nenhuma imperfeição encontrar[iam] em [seu] registro" (Mórmon 9:33). Com relação às mudanças nos caracteres hebraicos ao longo dos séculos, o hebraico realmente se desenvolveu durante o primeiro milênio a.C. Com relação à abreviação, o hebraico é uma escrita alfabética, o que significa que cada palavra deve ser pronunciada letra por letra (neste caso, apenas consoantes sem vogais) para transmitir seu som e significado. O egípcio, por outro lado, contém alfabetos (fonogramas ou sinais sonoros), bem como caracteres logográficos (ideogramas ou sinais sensoriais), ou seja, caracteres com significado que podem representar uma palavra, frase ou ideia.

Além disso, caracteres egípcios, como hieráticos e especialmente os demóticos, podem ser escritos de maneira curta ou abreviada. Isso significa que várias formas de egípcio podem ser escritas mais compactamente do que o hebraico, mas com menos clareza e precisão. Isso talvez explique por que os escribas do Livro de Mórmon — preocupados com o espaço limitado das placas — escolheram o egípcio como sua escrita preferida, em vez do hebraico, apesar da dificuldade que isso representou para eles ao usá-lo.





Que os caracteres egípcios também fossem "reformados" ou "alterados" por gerações de escribas nefitas "segundo [sua] maneira de falar" não é nada incomum (Mórmon 9:32). Idiomas e escrituras transformam-se ao longo do tempo para atender às necessidades dos que falam, leem e escrevem. Isso inclui o antigo egípcio e, aparentemente, a maneira como os nefitas usavam o egípcio.

Além dos caracteres preservados no documento "Transcrição Anthon" ou "Caracteres", talvez nunca saibamos como era o egípcio reformado nefita. Sem acesso às Placas de Ouro, provavelmente nunca saberemos com precisão como funcionava a escrita. No entanto, os estudiosos recuperaram textos antigos do Oriente Próximo que talvez ofereçam exemplos comparáveis ao "egípcio reformado".

O mais interessante deles é o texto agora conhecido como o Papiro de Amherst 63. Descoberto na ilha de Elefantina, no sul do Egito, no final do século XIX, este papiro, que remonta aos tempos de Leí por quatro séculos, "contém três salmos que se originaram no reino de Israel antes da queda de Samaria (722 a.C.)". O que torna este texto tão notável é que "o escriba do pergaminho usou caracteres egípcios demóticos para escrever os textos na língua aramaica", uma língua semítica relacionada ao hebraico. Isso se compara ao que é descrito no Livro de Mórmon: caracteres egípcios modificados sendo usados para registrar textos israelitas.

## O porquê



Os fatores complexos descritos acima revelam vários pontos. Primeiro, esses detalhes nos ajudam a entender por que os autores do Livro de Mórmon teriam se sentido autoconscientes sobre limitações e falhas em sua própria capacidade de escrever. Isto é especialmente evidente com Morôni, que implorou a seus leitores a não "condenarem [o registro] por causa das imperfeições que contém" (Mórmon 8:12; cf. Mórmon 9:31,33; Éter 12:23–24). As dificuldades para escrever um extenso e complexo trabalho literário histórico em placas de metal, usando pequenos caracteres, com escrita muito abreviada e alterada que provavelmente não refletia a linguagem comum, certamente fizeram com que a composição do Livro de Mórmon não fosse uma tarefa fácil para os profetas nefitas, que, francamente, admitiram que "se há falhas [no registro], são erros dos homens" (Página de Título do Livro de Mórmon).

Mais tarde, essas dificuldades explicariam o motivo de "intérpretes" nefitas (mais tarde chamados de "urim e tumim") foram preparados pelo Senhor para serem usados na tradução do Livro de Mórmon "pelo dom e poder de Deus" nos últimos dias. Como reconheceu Morôni, "nenhum outro povo conhece nossa língua", isto é, os caracteres do egípcio reformado usados para registrar a história dos nefitas (Mórmon 9:34). Provavelmente isso foi uma consequência de séculos de evolução linguística, alterações dos escribas e destruição deliberada das fontes de escrita nefita (Enos 1:13–14; Mórmon 6:6). Além disso, a realidade é que os estudiosos só começaram a decifrar o egípcio na década de 1820, quando o Livro de Mórmon veio à luz, e imediatamente vemos por que instrumentos especiais divinamente preparados eram necessários para permitir que o jovem e inculto Joseph Smith traduzisse o Livro de Mórmon.

Embora existam muitas perguntas não respondidas sobre a natureza do egípcio reformado nefita, há evidências sobreviventes suficientes para reunir uma ideia crível do que era, como funcionava e por que os historiadores nefitas escolheram usá-lo como a escrita para registrar o Livro de Mórmon. No entanto, muito mais importante do que se esforçar para examinar os detalhes desconhecidos (e incognoscíveis) sobre o egípcio reformado, Morôni nos incentiva e exorta, como seus leitores, a saborear as preciosas palavras de Cristo preservadas no Livro de Mórmon por profetas antigos e trazidas ao mundo por um profeta moderno.

Este KnowWhy foi possível graças ao generoso apoio da Fundação Duane e Marci Shaw.

## Leitura complementar

Bruce E. Dale, "How Big A Book? Estimating the Total Surface Area of the Book of Mormon Plates", *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 25 (2017): pp. 261–268.

William J. Hamblin, "Reformed Egyptian", *FARMS Review* 19, no. 1 (2007): pp. 31–35.

Janne M. Sjodahl, "The Book of Mormon Plates", *Journal of Book of Mormon Studies* 10, no. 1 (2001): pp. 22–24, 79.

John Gee, "Epigraphic Considerations on Janne Sjodahl's Experiment with Nephite Writing", *Journal of Book of Mormon Studies* 10, no. 1 (2001): pp. 25, 79.

John A. Tvedtnes, "Reformed Egyptian", em *The Most Correct Book: Insights from a Book of Mormon Scholar* (Salt Lake City, UT; Cornerstone Publishing, 1999), pp. 22–24.

John A. Tvedtnes e Stephen D. Ricks, "Jewish and Other Semitic Texts Written in Egyptian Characters", *Journal of Book of Mormon Studies* 5, no. 2 (1996): pp. 156–163.

John Gee, "Two Notes on Egyptian Script", *Journal of Book of Mormon Studies* 5, no. 1 (1996): pp. 162–176.

Brian D. Stubbs, "Book of Mormon Language", *Encyclopedia of Mormonism*, ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 1: pp. 179–181.



© Central do Livro de Mórmon, 2019

## Notas de rodapé

1. Sobre a escrita de Néfi em egípcio, ver "Os antigos israelitas escreviam em egípcio?" KnowWhy 4 (28 de dezembro de 2016).
2. As chamadas "placas maiores" de Néfi nunca foram chamadas assim pelo próprio Néfi. Em vez disso, Néfi simplesmente fala de dois conjuntos de placas: uma contendo "um relato completo de [seu] povo", que incluía "um relato do governo dos reis e das guerras e contendas de [seu] povo", que agora são chamadas de "as placas maiores" por conter uma ampla narrativa sobre Néfi, sua família e seus descendentes (1 Néfi 9:2,4). Estas placas foram compiladas por Mórmon no século IV d.C., No entanto, Néfi também falou de "outras placas" ou "essas placas" que ele estava escrevendo imediatamente em 1 Néfi 9 e hoje são chamadas de "placas menores". Essas "outras placas" ou "placas menores" foram escritas "com o fim especial de deixar gravado um relato do ministério de [seu] povo" (v. 3) e são aquelas que contêm os livros de 1 Néfi a Omni. Ver Grant Hardy e Robert E. Parsons, "Book of Mormon Plates and Records", em *Encyclopedia of Mormonism*, ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 1: pp. 195–201, esp. 199–200.

3. John Gee, "Two Notes on Egyptian Script", *Journal of Book of Mormon Studies* 5, no. 1 (1996): 162n1.
4. Isto é consistente com as palavras de Mosias 1:2–3, onde Benjamim diz que fez com que seus filhos fossem "instruídos em todo o idioma de seus pais", e que ele mesmo os ensinou a respeito do que estava "[gravado] nas placas de latão", sem dizer nada sobre os caracteres das placas. Ver William J. Hamblin, "Reformed Egyptian", *FARMS Review* 19, no. 1 (2007): p. 31; John Gee, "La Trahison des Clercs: On the Language and Translation of the Book of Mormon", *Review of Books on the Book of Mormon* 6, no. 1 (1994): pp. 79–82, 94–99.
5. Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers: The Book of Mormon as History* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2015), pp. 151–154, 220–223, 292, 339n41. Para diferentes pontos de vista, ver Brian D. Stubbs, "Book of Mormon Language", *Encyclopedia of Mormonism*, ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 1: pp. 179–181; John L. Sorenson, *Mormon's Codex: An Ancient American Book* (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2013), pp. 173–183.
6. Isto por sua vez, deve mitigar as preocupações que alguns têm de que o "egípcio reformado" não seja reconhecido como uma categoria linguística própria pelos egiptólogos modernos, uma vez que o nome era peculiar aos muitos escribas nefitas que o usavam; "eles podem ter sido as únicas pessoas a usar essa frase descritiva". Hamblin, "Reformed Egyptian", pp. 31–32. De fato, não é incomum que o nome de uma escrita ou idioma, usado por uma cultura ou subcultura específica, seja chamado de outra forma por estrangeiros. Os antigos egípcios, por exemplo, não chamavam seus próprios caracteres de "hieróglifos", mas *mdw nṯr* ("palavras de deus", "palavras divinas"). Os gregos antigos foram os que chamaram os caracteres que encontraram no Egito de hieróglifos, que significa "escritura sagrada". O mesmo vale para a escrita que os egiptólogos hoje chamam de demótico (do grego que significa "popular" ou "do povo")—ou anteriormente "Enchorial Egyptian" (do grego que significa "da cidade, rural")—mas que os próprios antigos egípcios chamaram *.šḫ ȝꜣ.t* ("língua das letras"). Da mesma forma, a palavra "cuneiforme" (do latim "forma de cunha") é uma invenção moderna usada por estudiosos para descrever a escrita usada na antiga Mesopotâmia devido à aparência geral dos caracteres. Nenhuma das culturas antigas que usavam caracteres cuneiformes (incluindo sumérios, acadianos, babilônios, elamitas, hititas e assírios) a nomearam dessa maneira.
7. "North-West Semitics", "Cursive Script", e "Square Script" sob "Alphabet, Hebrew", em *Encyclopaedia Judaica*, ed. Fred Skolnik, 2ª ed. (Farmington Hills, MI: Macmillan Reference; Jerusalem: Keter Publishing House, 2007), 1: pp. 689–718.
8. Thomas O. Lambdin, *Introduction to Biblical Hebrew* (New York, NY: Scribner's, 1971), xxi–xxii.
9. Alan Gardiner, *Egyptian Grammar*, 3ª ed. (Oxford: Griffith Institute, 1957), §6; James E. Hoch, *Middle Egyptian Grammar*, SSEA Publication XV (Mississauga: Benben Publications, 1997), §4.
10. Ver Hoch, *Middle Egyptian Grammar*, §3, que descreve o demótico como uma derivação "muito abreviada" da escrita hierática; ou Janet H. Johnson, *Thus Wrote Onchsheshonqy: An Introductory Grammar of Demotic*, 3ª ed. (Chicago, IL: Oriental Institute, 2000), §§3–4, que descreve o demótico como "um desenvolvimento abreviado do hierático" conhecido por suas muitas "ligaduras de dois ou mais" signos; ou James P. Allen, *Middle Egyptian: An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*, 3ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 2014), §1.10, que descreve o demótico como escrita "mais cursiva e abreviada".
11. Como o egiptólogo Joachim Friederich Quack observou, "a escrita curva [egípcia] dificulta reconhecer sinais" durante a leitura. Como o demótico é, por vezes, tão abreviado e cursivo, é considerado uma caligrafia muito difícil, quase ilegível. Mesmo na egiptologia, é um nicho para alguns poucos sortudos", e requer treinamento especial para ler e traduzir. Joachim Friederich Quack, "Difficult Hieroglyphs and Unreadable Demotic? How the Ancient Egyptians Dealt with the Complexities of Their Script", em *The Idea of Writing: Play and Complexity*, ed. Alex de Voogt e Irving Finkel (Leiden: Brill, 2010), pp. 239, 244.
12. Ver Jacó 3:13; Jacó 4:1–3; Mórmon 8:5; Mórmon 9:33; Éter 12:23–24. Sobre o espaço físico necessário para registrar o Livro de Mórmon. Ver Janne M. Sjodahl, "The Book of Mormon Plates", *Journal of Book of Mormon Studies* 10, no. 1 (2001): pp. 22–24, 79; John Gee, "Epigraphic Considerations on Janne Sjodahl's

- Experiment with Nephite Writing", *Journal of Book of Mormon Studies* 10, no. 1 (2001): pp. 25, 79; Bruce E. Dale, "How Big A Book? Estimating the Total Surface Area of the Book of Mormon Plates", *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 25 (2017): pp. 261–268.
13. Gardiner, *Egyptian Grammar*, §7; Antonio Loprieno, *Ancient Egyptian: A Linguistic Introduction* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), §2.4; Hoch, *Middle Egyptian Grammar*, §§2–3; Johnson, *Thus Wrote Onchsheshonqy*, §1; Friederich Junge, *Late Egyptian Grammar: An Introduction*, trans. David Warburton, 2<sup>a</sup> ed. (Oxford: Griffith Institute, 2005), §0.2.2; Allen, *Middle Egyptian*, §§1.8–1.11; The *Ancient Egyptian Language: An Historical Study* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013), §§1.2–1.4.
  14. Sobre isso, ver Stanley B. Kimball, "The Anthon Transcript: People, Primary Sources, and Problems", *BYU Studies* 10, no. 3 (1970): pp. 325–352; Michael Hubbard MacKay, Gerrit J. Dirkmaat e Robin Scott Jensen, "The 'Caractors' Document: New Light on an Early Transcription of the Book of Mormon Characters", *Mormon Historical Studies* 14, no. 1 (2013): pp. 131–152.
  15. Para vários pontos de vista, ver as fontes citadas e discutidas em John A. Tvedtnes e Stephen D. Ricks, "Jewish and Other Semitic Texts Written in Egyptian Characters", *Journal of Book of Mormon Studies* 5, no. 2 (1996): pp. 156–157n1–3; ver também Gee, "La Trahison des Clercs", pp. 79–82, 94–99.
  16. Ver Tvedtnes and Ricks, "Jewish and Other Semitic Texts Written in Egyptian Characters", pp. 156–163; John A. Tvedtnes, "Reformed Egyptian", em *The Most Correct Book: Insights from a Book of Mormon Scholar* (Salt Lake City, UT: Cornerstone Publishing, 1999), pp. 22–24; Hamblin, "Reformed Egyptian", pp. 32–35.
  17. Karel van der Toorn, "Three Israelite Psalms in an Ancient Egyptian Papyrus", *The Ancient Near East Today* 6, no. 5 de maio de 2018, disponível em [www.asor.org](http://www.asor.org). Ver further Karel van der Toorn, "Egyptian Papyrus Sheds New Light on Jewish History", *Biblical Archaeology Review* 44, no. 4 (julho/agosto de 2018): pp. 32–39, 66, 68, disponível em [www.members.bib-arch.org](http://www.members.bib-arch.org).
  18. Hamblin, "Reformed Egyptian", p. 34.
  19. Para saber mais sobre a tradução do Livro de Mórmon, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon "Por que uma pedra foi usada para ajudar a traduzir o Livro de Mórmon?" *KnoWhy* 145 (26 de junho de 2017); "Os instrumentos de tradução de Joseph Smith eram como o Urim e Tumim israelitas?" *KnoWhy* 417 (29 de agosto de 2018).
  20. Curiosamente, a falecida Linda Shele, uma das acadêmicas proeminentes do século passado, observou que provavelmente havia muitos sistemas de escrita na antiga Mesoamérica que simplesmente não sobreviveram. "Stone Slab in Mexico Reveals Ancient Writing System", *New York Times*, 8 de março de 1988, C4. Talvez o "egípcio reformado" tenha sido uma dessas escritas que não sobreviveram aos nefitas, sendo preservada apenas nas placas de ouro.
  21. O próprio profeta reconheceu o significado disso. "O fato é que, pelo poder de Deus, traduzi o Livro de Mórmon de hieróglifos, cujo conhecimento foi perdido para o mundo; em um evento maravilhoso em que eu estava sozinho, um jovem inculto, para combater a sabedoria e a ignorância mundanas multiplicadas por dezoito séculos". Joseph Smith to James Arlington Bennet, 13 November 1843, gramática e pontuação padronizada, disponível em [www.josephsmithpapers.org](http://www.josephsmithpapers.org). Ver também "Por que o Livro de Mórmon surgiu como um milagre?" *KnoWhy* 273 (19 de dezembro de 2017).